

## Resistência e submissão – Sobre *Mulheres de Cabul*

*Robson da Costa de Souza\**

LOGAN, Harriet. *Mulheres de Cabul*. Trad. Eyes on the Road. São Paulo: Geração Editorial, 2006. 106 p.

Em *Mulheres de Cabul*, Harriet Logan, fotógrafa inglesa de renome, procurou captar por meio de suas lentes a vida de um grupo de mulheres extraordinárias que vivem numa situação de extrema violência e opressão. Por meio de fotografias e depoimentos, a obra faz emergir um universo de vozes silenciadas, que desejam ser ouvidas.

Na introdução da obra, Harriet Logan narra suas duas viagens ao Afeganistão, país com uma longa história de guerras. A primeira ocorreu em dezembro de 1997, quando foi convidada pela *London Sunday Times Magazine*. Como fotografar pessoas era ilegal, segundo a lei do Taleban, a autora disse que estava no país para fotografar “a destruição causada pela guerra” (p. xiii). Nessa viagem, além de fotografar diversas mulheres, coletou depoimentos marcantes.

A segunda visita ao Afeganistão ocorreu após a queda do Taleban. Quatro anos depois e já com dois filhos, Harriet Logan deu início ao penoso processo de entrar naquele país. Sobre as dificuldades encontradas, a autora firma que:

Entrar no Afeganistão era uma questão de tentativa-e-erro. Eu e meus companheiros de viagem (outros dois fotógrafos) passamos uma semana contratando e demitindo uma infinidade de guias afegãos e paquistaneses, que nos garantiam métodos cada vez mais bizarros de entrar no Afeganistão. A certa altura, estávamos convencidos de que o único acesso possível seria a cavalo, por uma montanha, através de uma trilha distante e coberta de neve. Três dias após nossa chegada, quatro jornalistas foram brutalmente assassinados na estrada de Jalalabad a Cabul. Naturalmente, todos nos avisaram de que seguir

por aquela estrada seria suicídio. As Nações Unidas ofereciam vôos de Islamabad para Cabul por “apenas” 2.500 dólares, e mesmo a esse preço a lista de espera era longa! (p. xvi)

Graças ao apoio de um político local, a autora finalmente chegou ao Afeganistão para reencontrar as mulheres de Cabul que conhecera em sua primeira viagem. Harriet Logan também contou com o apoio de Mary MacMakin, diretora da Parsa<sup>1</sup> (*Physiotherapy and Rehabilitation Support for Afghanistan*), pequena organização não-governamental que promove diversos projetos, como escolas caseiras, cursos de tecelagem e costura, instrução e educação para viúvas de guerra, mantendo uma extensa rede de solidariedade (p. xiii-xiv).

Antes do Taleban, Cabul era uma cidade muito rica, e seus intelectuais eram como os europeus (p. 68), afirma Durkhanai, uma mulher de 30 anos de idade (2001). Cabul era uma “linda cidade, com universidades, parques e belos prédios”, segundo o relato de outra entrevistada, Anisa.

Eu me sentia como uma ocidental durante o regime comunista da década de 1980. Em Cabul podíamos fazer de tudo, como as mulheres do seu país. Olhando para essas fotos antigas, não consigo acreditar que usava essas roupas – vestidos, saias curtas e camisetas apertadas. Quando meus filhos vêem essas fotos, não acreditam que esta é sua mãe! Já não uso essas roupas há dez anos (p. 88).

Para Shafika Habibi, uma famosa apresentadora de televisão, a chegada do Taleban significou para o Afeganistão uma reação às mudanças ocorridas nas décadas anteriores. Quando os comunistas tomaram o poder, Cabul tornou-se quase completamente europeizada. “Naquele tempo, tudo aqui era ocidentalizado: as roupas, a comida, todo o nosso estilo de vida”, continua Shafika Habibi (p. 64). Mas o restante do país não conseguiu acompanhar essas mudanças.

Quando o Taleban tomou o poder, Cabul tornou-se uma cidade dominada pelo medo. Mulheres, viúvas e crianças eram as principais vítimas dos

\* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>1</sup> Cf. <http://www.afghanistan-parsa.org/>

Talebans, pois as mulheres foram proibidas de trabalhar. As viúvas, principalmente, foram profundamente afetadas por essa proibição. Nooria, uma jovem de 19 anos (1997), afirma que “o maior problema que muitas mulheres afegãs têm de enfrentar é a perda de seus maridos. Elas ficam sozinhas, sem trabalho e sem nenhum homem para sustentar a família” (p. 51). Ainda sobre essa questão, Roya, uma adolescente de 15 anos de idade (2001), afirma que os Talebans eram muito maus, pois “eles sabiam que havia muitas viúvas em Cabul” (p. 31).

Nas páginas 4 e 5, a leitora encontra alguns decretos do governo do Taleban. A seguinte lista de proibições, a despeito de sua extensão, ganhou destaque na obra:

As mulheres não devem sair de suas residências. Se o fizerem, não devem usar trajes elegantes, produtos cosméticos ou atrair atenção desnecessária. Caso venham a usar “vestes elegantes, adornadas, apertadas ou atraentes”, jamais conhecerão o paraíso.

As mulheres devem servir como professoras para sua família. Os esposos, irmãos e pais são responsáveis pelas famílias (alimentação, roupa, etc.).

Não é permitido às mulheres trabalhar fora do lar ou frequentar escolas.

Nenhum tipo de música é permitido. Donos de estabelecimentos ou motoristas portando fitas cassete serão presos. É proibido tocar tambores.

É proibido rir em público.

É proibido barbear-se ou cortar a barba. Os infratores serão presos até que suas barbas cresçam.

É proibido manter pombos em cativeiro e brincar com pássaros.

Pipas são proibidas.

Fotografias e retratos são proibidos. São considerados formas de idolatria e devem ser retirados dos hotéis, estabelecimentos comerciais e veículos.

O jogo é proibido. Os infratores serão presos por um mês. Cortes de cabelo à moda inglesa e norte-americana são proibidos. Pessoas de cabelos longos serão presas e levadas ao Departamento Religioso para raspagem dos cabelos. O criminoso deverá pagar o barbeiro.

É proibido lavar roupas nos riachos e córregos da cidade. As jovens que violarem esta lei deverão ser apanhadas respeitosa e à moda islâmica e levadas para suas residências. Seus esposos serão severamente punidos.

São proibidas a execução de música e a dança em festas de casamento.

São proibidas a confecção de roupas femininas e a tirada de medidas corporais por alfaiates. Caso mulheres ou revistas de moda sejam vistas numa alfaiataria, o infrator será preso.

A feitiçaria é proibida.

Todos devem rezar. Todas as pessoas são obrigadas a comparecer à mesquita. Jovens vistos em estabelecimentos comerciais serão presos imediatamente.

“Éramos como pássaros numa gaiola. Para mim, talvez a gaiola fosse boa – meu lar era cheio de alegria. Aqui dentro, todos se amavam e ninguém passava fome. Mas lá fora a situação era terrível”, afirma Durkhanai (p. 70). De acordo com as entrevistadas, essa “situação terrível” também foi responsável pelo aumento do número de suicídios entre as mulheres afegãs. Só para citar um exemplo, Marina, intérprete de Harriet Logan, tentou suicídio quando o Taleban a proibiu de estudar (p. 19).

Sovita, uma criança de 10 anos de idade (2001), afirma que “os filhos dos Talebans não frequentavam escolas – eles não sabiam ler nem escrever. Por isso os pais Talebans não queriam que fôssemos mais inteligentes do que seus filhos” (p. 41). O relato de Yelda, uma criança de nove anos (2001), explicita claramente a dimensão dessa violência de gênero: “Os Talebans diziam, ‘Meninos são homens, meninas são mulheres, e mulheres não vão à escola’” (p. 39).

Ao ler o testemunho de Shama (2001), as leitoras constatarão que os Talebans também perseguiram minorias étnicas, conforme segue:

O Taleban era contra nós [da tribo Hazara] [...] A discriminação contra nós tem sido constante. Muitos de nossos amigos e vizinhos Hazara tiveram experiências ruins, principalmente nos últimos cinco anos. Todas as casas Hazaras foram invadidas por membros do Taleban. Eles puseram muitos homens Hazara na cadeia. Muitas mulheres Hazara foram estupradas por Talebans. Quando seus maridos tentavam evitar que isso acontecesse, eram espancados e, algumas vezes, mortos (p. 97).

Portanto, a violência praticada pelo Taleban não permite a demarcação de “fronteiras rígidas”. Nesse sentido, ainda sobre a violência de gênero, os testemunhos dessas mulheres fornecem subsídios para um aprofundamento de questões teórico-metodológicas. Percebe-se, então, que os estudos sobre a violência praticada contra as mulheres devem ser conjugados com outras análises (classe, raça e etnia), pois a constituição dos sujeitos não se faz exclusivamente pelo gênero, mas também pela classe social e pela raça/etnia.

A despeito das proibições, as mulheres dos Talebans cortavam seus cabelos no salão de Laila, uma cabeleireira de 19 anos (2001). Em seguida, caminhavam até seus carros sem *burkhas*, usando somente pequenos véus. “Tudo era assim – eles censuraram a música, mas ainda assim a escutavam. Eu simplesmente não entendo o modo de pensar e agir daqueles homens” (p. 99), retruca Laila.

Na leitura da obra, percebe-se que a dominação masculina está enraizada na própria cultura do país. Através do relato de Jamila, por exemplo, o leitor descobre que a instituição do casamento, na cultura afegã, depende fundamentalmente da família. Nesse sentido, ter namorados não faz parte dessa cultura (p. 12). Em suma, com ou sem a presença dos Talebans, as mulheres de Cabul tornam-se vítimas da violência de gênero. “Tenho amigas cujos maridos só fazem reprimi-las”, afirma Laila (p. 100). Percebe-se, assim, que a violência contra as mulheres não findou com a queda do governo do Taleban. Nahed, uma mulher de 32 anos de idade (2001), afirma que:

Segundo a nossa tradição, os homens nunca devem dar direitos iguais às mulheres. Isso não vai mudar – até os homens instruídos no país têm esse preconceito. E, mesmo se eles permitissem que as mulheres trabalhem ou façam parte do governo, a situação em nossas casas continuará a mesma. No Afeganistão, as mulheres são consideradas propriedade dos homens (p. 95).

No contexto do Afeganistão, a tradicional “*burkha*”, símbolo da opressão masculina, também traz certa segurança para as essas mulheres, argumenta Fersitta. “Antes do Taleban, os homens nos olhavam lascivamente. Se quisessem, era só che-

gar de carro e nos pegar. Agora ninguém sabe como somos por baixo das *burkhas*, e assim nos sentimos seguras” (p. 13). Mas, depois do Taleban, as ruas tornaram-se predatórias, argumenta a autora do livro (p. xix). Os homens do Afeganistão “estão sedentos por mulheres”, afirma Durkhanai (p. 70). Assim, as mulheres de Cabul, em sua maioria, ainda vestem as *burkhas* (p. 28).

Em face da violência praticada pelos Talebans, as mulheres de Cabul reagiram de diversas maneiras. Para Fersitta, uma mulher de 25 anos de idade (1997), lápis de maquiagem e batom eram símbolos de resistência (p. 13). Marina, por exemplo, ao demonstrar seu entusiasmo pelos estudos, afirmou que gostaria de lutar com sua caneta, pois:

lutaria através da força, com uma arma, mas assim teria de matar outras pessoas. Não quero fazer isso, mesmo que não sejam pessoas boas. Elas não precisam ser mortas, precisam aprender a tornarem-se humanas. Se forem mortas, o Afeganistão simplesmente perderá mais vidas, além dos milhões já mortos (p. 19).

Antes do Taleban, Latifa sustentava seus três filhos e duas filhas trabalhando como professora. Durante o regime do Taleban, as alunas da escola de Latifa escondiam seus livros sob os véus, enrolados em suas roupas ou mesmo dentro de cópias do Corão.

Um das razões por que decidi me arriscar e continuar lecionando foi garantir que meus filhos não morressem de fome. Mas eu também achava muito importante que todas aquelas meninas continuassem seus estudos. Quem eram aqueles homens ignorantes para negar esse direito às nossas filhas? (p. 34).

Em face de tanta violência, torna-se difícil criticar a atitude de Marky, que ganha seu sustento fazendo *burkhas*. No decurso da obra, a leitora perceberá que islamismo e fundamentalismo islâmico são coisas completamente distintas. Ao ler o relato de Shafika, por exemplo, a leitora constatará que o Taleban era portador de crenças estranhas ao Islã. A despeito das contradições de seu país, Shafika acredita que Alá, no futuro, instruirá os homens a não lutarem mais (p. 28).

Em *Mulheres de Cabul*, as fotografias e os depoimentos são comoventes e estarrecedores. A coragem dessas mulheres deixará a leitora perplexa. Com a publicação dessa obra, as vidas dessas mulheres não cairão no esquecimento. O livro é um chamado à reflexão.

Desejamos, juntamente com a autora, que o futuro das mulheres do Afeganistão seja muito melhor que seu passado. Que as esperanças e lutas das mulheres de Cabul reanimem as mulheres do mundo inteiro na busca por seus direitos.